

A RELIGIÃO É UM LUGAR CONFORTÁVEL! (Jurema Werneck)

Entrevista com Jurema Werneck por Nilza Menezes*

Jurema Werneck, Conselheira Nacional de Saúde e Coordenadora da XIV Conferência Nacional de Saúde e Membro da ONG Criola. Entrevista concedida em 19 de junho de 2011, na cidade de João Pessoa, Paraíba, por ocasião do evento Mulheres de Axé, no Centro Cultural Tambaú.

NM - Você observou o crescente número de sacerdotes, nos cargos de direção das religiões afro-brasileiras, apesar de ser maioria feminina como adeptas?

JW - Sim. Acho que sim. Toda relação de poder para além do próprio grupo é ocupada pelos homens. Posso estar equivocada, mas se você verificar, no princípio havia homens e mulheres como liderança religiosa, era natural. Tenho a impressão de que, na medida em que o candomblé vai saindo das comunidades, vai acontecendo essa negociação. Isso não é só na religião, mas tudo que passou para o coletivo negro significou maior espaço para os homens. Por exemplo, o samba, que foi tema do meu trabalho de doutorado. Sempre foi lugar de homens e de mulheres, mas elas nunca foram iguais, mas tinham papéis de igual valor. Porém, quando ganha maior visibilidade... O samba, antes, ele não era como o de agora; antes de ser esse samba do público geral, era um lugar de dança onde homens e mulheres participavam com igual valor. Você vê que o samba surge na casa de Mãe Ciata, mas ela é quase paisagem. É Donga, é Sinhô quem aparecem. Ela é uma mantenedora, e mesmo Mãe Ciata sendo a dona do lugar, ela aparece como pano de fundo para que Donga e Sinhô e depois Pixinguinha (que nem era sambista, mas era da comunidade) sejam os donos, se projetem. Na religião, me parece estar acontecendo a mesma coisa. Enquanto era algo privado, coisa de negros, a mulher tinha o seu papel. Na medida em que se projeta para

* Doutoranda em Ciências da Religião pela UMESP. Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal.

fora dos muros das casas, negociando com a comunidade em geral, na vida de todos e de todas, o sexismo aparece e é moeda de troca, essa violência, essa apropriação e desvalorização da mulher. É preciso debater sobre isso, essa troca que inferioriza a mulher. Todo esforço que elas fizeram para trazer até aqui está sendo expropriado sem respeito, pelos homens brancos e negros também.

NM - Você trabalha com mulheres negras; embora não seja diretamente ligado à religião, você ouviu alguma vez reclamação de violência, na religião afro-brasileira, por parte das mulheres negras?

JW - Diretamente não, pois o espaço religioso, por ser espaço sagrado é muito fechado. Porém, ouvi, em espaços de conversas e eventos, denúncias, inclusive de violência, por disputa de poder. Isso aconteceu mais no espaço público, denúncias de que homens líderes religiosos ameaçavam mulheres, inclusive com a força física, na disputa de poder religioso. Tudo isso pra usurpar o lugar delas. Minha organização fez uma pesquisa de violência na religião. Eu não participei, foi uma pesquisadora lá do Rio de Janeiro que, em contato com ekedes, mães de santo, ela fez a pesquisa e a violência apareceu. Essa violência que chamamos doméstica apareceu no espaço dos terreiros. As mães de santo entrevistadas viviam dentro dos terreiros e então isso aparecia como das suas vidas privadas. Casos de lesbofobia e casos de maridos que não eram da religião e agrediam essas mulheres.

NM - Com relação ao trabalho doméstico, alguma vez você tomou conhecimento de algum caso?

JW - Ah, sim. Nosso trabalho em Criola sempre foi com mulheres negras, religiosas ou não. Numa oficina sobre saúde, uma mulher começou a contar como ela se sentiu violentada em uma comunidade religiosa. Era uma situação assim: ela era a mais escura da comunidade religiosa de candomblé; ela falou que ela era preterida, inclusive na fila de obrigação, a progressão dela era retardada. Ela lavava, passava, cozinhava e outras pessoas chegavam e tinham cargos. Essa história me marcou muito. Ela associou à sua cor, falou que era a mais escura da comunidade, mas não achou que a cor era responsável. A líder era

uma mãe de santo. Ela associou apenas que era preterida. Ela sentia a violência, mas não conseguiu entender o porquê.

NM - Como você viu até hoje o papel das mulheres negras na religião afro-brasileira?

JW - Eu penso que as mulheres negras que vêm dessa vivência religiosa desde sempre, não tiveram problemas, porque elas já nasceram nessa condição. Agora, para as mais novas, que têm que negociar com todo o resto da sociedade, pois elas são as yas (mães), papel importante, e as domésticas e as trabalhadoras. São extremos.

NM - E as novas mulheres negras, essas que estão indo para a Universidade, como é que elas estão se organizando?

JW - Vou falar por mim. Sou de uma comunidade tradicional de Umbanda. Todos os ramos da minha família são religiosos. Uma parte de candomblé, outra de umbanda, e outra católica. Um pequeno grupo, menor, de evangélicos. Já trocaram de lugar religioso, mas na minha infância convivi intensamente com a religião. A intolerância não era muito forte. Eu podia circular, tinha muitas crianças e era todo mundo junto, dez ou doze primos, e convivíamos circulando por várias religiões, o que era uma vantagem. E, no meu caso, eu não tinha vontade de ser religiosa. Mas tinha essa herança de poder, minha mãe sempre na religião, na Umbanda desde sempre, outros no candomblé. Todo mundo na minha família era desde sempre. Tinham vivência e conhecimento e isso me permitiu circular pelo mundo. Vivi a violência que qualquer mulher negra viveria, mas eu tinha um lugar pra voltar. Você saber que você nasceu com uma proteção dá outro rumo na sua vida. Um lugar de proteção sagrada. Cresci sabendo, e só depois me dei conta disso, que mesmo com as coisas ruins, eu tinha um lugar. Essa minha experiência me dá a sensação de que isso funciona para muitas pessoas. Na minha geração, tenho 49 anos, pessoas de 50 e poucos anos, foram pessoas que cresceram com o projeto da comunidade negra, de sair do lugar. Não só sair da favela, mas também sair da pobreza e isso significou também sair dos lugares religiosos. Ir para a Universidade, outros conhecimentos, outras valorizações. Eu vivi também um movimento

que quando eu cheguei à Universidade, o movimento negro já estava voltando pra casa. Pessoas como Lélia Gonçalves, Januário Garcia que já estavam voltando pra religião ou fazendo reverência, mesmo que não fossem da religião, já estavam mostrando que ali era um lugar de referência. Na medida em que fui entrando na política, isso já era novamente um lugar importante. Permitiu-me encontrar boa parte religiosa e a parte que não é religiosa reconhece como importantes as narrativas da tradição. Ficou como um lugar de escolha, o que não era pra geração dos nossos pais.

NM - Você percebe diferença na violência contra negras e brancas?

JW - Eu acho que tem uma diferença. Violência é violência, provoca aniquilação, violência é igual. O que vejo de diferente nas negras é que elas são mais vulneráveis. A desvalorização é maior. A branquitude é um valor, o que não livra a mulher branca da violência. Mas o racismo patriarcal atinge mais a mulher negra, traduzindo-a como um zero absoluto. É uma porta maior, mais escancarada, pode entrar de qualquer lugar.

NM - A mulher negra sempre trabalhou fora como empregada doméstica, isso a ajudou a sofrer menos violência no espaço doméstico, por ela contribuir no orçamento?

JW - Sim e não. O sexismo continua presente. O racismo é patriarcal e há um lugar diferente para homens e mulheres de qualquer raça. Dentro da família negra, a violência é violência. O fato de essa mulher trabalhar vai exigir desse homem que não trabalha, que é um zero à esquerda lá fora, muitas vezes humilhado, excluído, vivendo problemas sociais, vai ter um preço. Não estou querendo justificar, mas, esse homem, dentro de casa, vai querer ser o que manda. Vai querer ser o macho dentro de casa e humilhar essa mulher que trabalha fora, atende sua comunidade, seus familiares, seus filhos de santo. Elas cuidam dentro e fora, mas isso não as livra das violências. A violência que o machismo coloca sobre os homens também é grande.

NM - Se você fosse branca, você acha que sua trajetória teria sido diferente?

JW - Sem dúvida, poderia ter sido mais confortável. Poderíamos transitar além dos nossos limites.

NM - O que é a religião para as mulheres negras?

JW - A jovem negra hoje tem mais possibilidades que as da minha geração ou da geração da minha mãe, que não podia fazer nada... Da minha, era quase um sorteio, uma consequência. Agora elas podem circular mais, não vivemos mais só na comunidade negra. Uma coisa interessante é que na medida em que você circula mais, principalmente pelo mundo branco, você sabe que a religião está lá, e é um lugar confortável. Muitas voltam, mesmo que não seja para religião, voltam pra conversar com a mãe de santo, reconhecem esse lugar de conforto.

NM - A religião afro é de tradição oral, mantida pelas mulheres. Hoje, as mulheres estão se instruindo. Como você vê isso?

JW - Eu vejo que dá pra conviver, não sem atrito. Mas cada vez menos. Estão se recolocando. Teve um recuo e agora buscam ocupar os espaços. Também havia atrito na forma tradicional. Mas fazem parte dessa modernidade. Mãe Stela escreveu um livro, mais de um, ela colocou a coisa em outro patamar. Isso mostra que pode ser feito dentro da modernidade.

